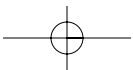


Cresceu a casa aqui neste lugar
onde agora corre nocturnamente a água
que desde os fundamentos nos cercava
Antigos passos emergem da humidade
e um estranho nexo de frases cresce
sobre as faces agora forasteiras
agora sem tempo para o tempo
que a morada pede



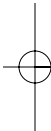
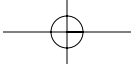
A luz da tarde que caindo acompanhava
a lentidão dos barcos
cargueiros volumosos e vermelhos
arrastando-se no inconcreto azul
daqui,
das águas
Ou as folhas aguçadas da palmeira
vertical e moribunda ou
o barco agora ao comprido
e tão comprido que cobria já
naquele tempo toda a travessia
da janela
Não saber ainda, não saber nunca
o que toda a lentidão prenunciava
Agora sei quanto toda a partida é inconclusa
quanto irreal é aos nossos olhos
na pouca luz e no desabrigo das presenças
Nisso tocar
só um deus sabe que momento é ou foi
nem passado ou porvir
por vias e artérias por
dentro da cidade
que me arrastam ao transepto
sul chamado
de São Bernardo de Cleraval

Quando o tempo é de Setembro
um tempo rente
quando as mãos se alongam deslocadas
no córrego da luz e os dedos tocam
o imparável refluir dos horizontes
e as vozes tentam assomar
por sobre o levantar das vagas
flexão de dorsos e o alastro de
manchas brancas em uma pele azul
esteira de veias deslaçadas ao ímpeto
daquele querer cercado, daquele
poder sem outro por que
assim se vergue;
e repetido

no terraço, à tarde
a tanto clamor se enlaça um ser-passado
por entre a humidade ácida,
a oxidação dos ossos

foram mãos espalmadas contra a luz
passos sem peso e sem sandálias
no terraço. tempo óxido e ido

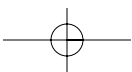
delido país — por entre camarinhas,
carreiro de sapos que a noite dava
à contemplação

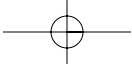


Castelejo 1

metálica imobilidade sob o a-pique do Sol

no meio-dia a praia é atravessada por hordas de cavalos
e a hora recorta a negro os nossos corpos como se
de seus torsos emergisse um potro escuro:
cambaleante e sedento da secreta lâmina
que a luz enterra
precisamente ao meio do coração solar





Castelejo 2

Na inclemência da luz pousa sobre nós a grande asa
aberta e brônzea. Nus
dois corpos caminham para as águas
na sombria míngua das suas carnes já partidas:
oferenda ou face à indiferença do espaço, incorrupta
sabem da perpétua fome, do emudecimento, da distância
olham o anjo, o nome branco e apenas
a imprecação do mar

